ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 58

AGOSTO DE 2008

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC
Fone/fax: (48)3222-2748

A **AFSC**, fundada em 06/08/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A **AFSC** é filiada à **FEFINUSC** - Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, à **FEBRAF** - Federação Brasileira de Filatelia e à **FEFIBRA** - Federação dos Filatelistas do Brasil.

EDITORIAL

Agosto é sempre um mês de comemorações para nós da AFSC, e muito especialmente neste ano de 2008, em que nossa Associação completa 70 Anos de Fundação. Entre os eventos programados para comemorar essa marca, o mais expressivo, sem dúvida, foi a FLORIPA 2008 - Exposição Nacional de Filatelia. Muito nos honrou receber representantes de vários estados do Brasil, bem como da Argentina, Paraguai e Portugal. Foram 169 inscrições, demonstrando o alto índice de interesse despertado entre os colecionadores e provando mais uma vez que a filatelia no Brasil é vitoriosa.

Pretendemos que este número do Boletim Informativo Santa Catarina Filatélica seja recebido também como um presente que levamos aos nossos associados e colaboradores, com matérias que falam um pouco da história do Brasil, começando com as medalhas representadas por Jean Baptiste Debret e de questões recentes como a entrevista com o novo Diretor da FIP, Paulo Rodolpho Comelli, eleito em congresso realizado no último mês de junho, por ocasião da EFIRO 2008.

Parabéns a todos, e boa leitura!

A Diretoria

ÍNDICE GERAL

CORREIOS

FLORIPA 2008
Exposição Nacional de Filatelia

A Exposição Nacional de Filatelia FLORIPA 2008 foi aberta na segunda-feira dia 28 de julho último, com a cerimônia de lançamento de carimbo comemorativo pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Logo após, foi descerrada a fita inaugural por quatro dos muitos colaboradores que fizeram o sucesso dessa Exposição. Na foto abaixo, da esquerda para a direita: José Francisco de Paula Sobrinho, presidente da FEFIBRA, Ernani Santos Rebello, presidente da AFSC, Márcio Miranda Vieira da Rosa, Diretor Adjunto dos CORREIOS em Santa Catarina e Maria de Lourdes Torres de Almeida Fonseca (Lourdinha), chefe do Departamento de Filatelia e Produtos da ECT.

Agradecemos a todos os Expositores, organizadores, colaboradores e visitantes que fizeram o sucesso dessa FLORIPA 2008. Para aqueles que quiserem ver ou rever um pouco da história do evento, sugerimos visitar na internet:

www.afsc.org.br/floripa2008

AFSC Entrevista Paulo R. Comelli, Diretor Eleito da FIP

Milton Milazzo Jr - Florianópolis, SC

Por ocasião da FLORIPA 2008 – Exposição Filatélica Nacional, **Santa Catarina Filatélica** teve a oportunidade de entrevistar Paulo Rodolpho Comelli, membro da Diretiva do Centro Filatélico do Paraguai**,** primeiro brasileiro nato a se eleger Diretor da FIP – Federação Internacional de Filatelia. Paulo Comelli veio a Florianópolis participar da Exposição promovida pela AFSC e FEFIBRA, como parte das comemorações do 70º Aniversário de fundação da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina.

A Federação Internacional de Filatelia (FIP) tem Sede na Suíça, e é a entidade máxima da Filatelia Mundial. Neste ano de 2008, a FIP realizou eleições na Romênia, em Congresso realizado por ocasião da EFIRO 2008 – Exposição Mundial de Filatelia, realizada em junho último, em Bucareste, que contou com 740 coleções e mais de 3.400 painéis expositores. Quem lá esteve pôde apreciar o alto nível das coleções, inclusive a Coleção da Rainha da Inglaterra, exposta na Corte de Honra.

Paulo Rodolpho Comelli, durante a FLORIPA 2008, colaborando na montagem das coleções.

A seguir alguns trechos da entrevista:

SCF: Como foi a sua eleição para a Diretoria da FIP?
PRC: Fui indicado pelo Centro Filatélico del Paraguay (CFP), já que sou filiado àquele Centro e por fazer parte de sua Diretiva, além, também, de ser domiciliado no Paraguai e expositor pelo CFP. A eleição foi realizada na Romênia, durante o 70º Congresso da FIP, que aconteceu no dia 28 de junho, dia seguinte ao encerramento da grande Exposição Filatélica Mundial EFIRO 2008.

SCF: Como é composta a Diretoria da FIP?
PRC: A Diretoria da FIP é composta por 7 Membros, sendo um Presidente, três Vice-Presidentes e três Diretores, todos com mandatos de 4 anos. São realizadas eleições em todos os anos pares. Em 2008, foram eleitos dois Vice-Presidentes (Europa e Américas) e dois Diretores. Em 2010, serão eleitos o Presidente, o Vice-Presidente, representante da Ásia e mais 1 (um) Diretor. Todos substituirão aqueles eleitos em 2006 e que, portanto, terão cumprido seus mandatos de quatro anos.
Para a Vice-Presidência da Europa havia candidato único. Foi eleito o Sr. Jussi Tuori (Finlândia). Para a Vice-Presidência das Américas o candidato era único, sendo eleito o Sr. Peter McCann (Estados Unidos).
Para as duas Diretorias foram cinco os candidatos, em 2008. Oitenta e um delegados votaram, cada um, em dois nomes. Os eleitos foram os dois mais votados: Bernard Jimenez (França) e eu, Paulo Comelli (Paraguai).
As funções de cada um dos três Diretores são definidas a cada mandato, pelo Presidente, e ratificadas em reunião de Diretoria.

SCF: Quando acontecerá a primeira reunião da nova Diretoria?
PRC: Provavelmente no próximo mês de setembro. O período atual é dedicado a trabalhos de transição, especialmente a elaboração de relatórios dos Diretores que encerram seus mandatos.

SCF: Como Diretor, quais são as suas expectativas?
PRC: Objetivamente, pretendo dar um apoio especial à filatelia sul-americana. Buscar saber junto aos países da América do Sul quais são as suas necessidades. Promover, incentivar e desenvolver a filatelia nessa região do mundo. Outro interesse meu é dar ao website da FIP melhor aproveitamento e torná-lo mais acessível aos colecionadores, filatelistas e exibidores.

SCF: Qual a sua visão da filatelia mundial nos dias de hoje?
PRC: Considero a filatelia bastante desenvolvida na Europa e na Ásia. Pouco desenvolvida na América do Sul. Atribuo isso ao pouco empenho da nossa parte, filatelistas. Temos pouca representatividade e fazemos um trabalho restrito. Como exemplo: fazemos pouca divulgação da filatelia. Poderíamos e deveríamos fazer um trabalho mais intenso de divulgação. A Argentina é a exceção na América do Sul, porque, anualmente, há um bom volume de publicações filatélicas.

As medalhas representadas por Jean Baptiste Debret em sua *“Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”* [1]

Márcio Roveri Sandoval - Florianópolis, SC

Fig. 1 – Primeira medalha cunhada no Rio de Janeiro, em 1820, por Zeferino Ferrez, cujo anverso serviu de ensaio para a Medalha comemorativa da aclamação de D. João VI. Bronze - 50 mm (Acervo do Museu Imperial – Petrópolis – RJ). (Estampa n°18 do Catálogo da Viscondesa de Cavalcanti)

Antecedentes

A Missão Artística Francesa de 1816

A transferência da Família Real para o Brasil, em 1808, teve inúmeras consequências para a então Colônia que logo se tornaria um Império.

Entre as novidades, podemos destacar, além da vinda de cerca de 15.000 reinóis que acompanharam a Família Real, a Abertura dos Portos, a fundação do primeiro banco no Brasil, a edição do primeiro jornal oficial (A Gazeta do Rio), a vinda da Biblioteca Real e, posteriormente, da Missão Artística Francesa, em 1816.

D. João[2] em 1815, seguindo as orientações do Conde da Barca (Antônio de Araújo e Azevedo), viu por bem contratar, na Europa, uma equipe de artistas e artífices capazes de levar a lume uma “escola de ciências, artes e ofícios” no Brasil.

Para tal mister, o Conde da Barca contactou o então Embaixador de Portugal na França (Marquês de Marialva – Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho), que se incumbiu inicialmente da questão, aconselhando-se com o naturalista alemão *Alexander von Humbold* (1769-1857), que lhe apresentou *Joachim Lebreton* (1760-1819), antigo

chefe da Seção de Museus, Conservatórios e Bibliotecas da França, que fora representante do Governo junto à Administração do Museu do Louvre e Secretário Perpétuo do Instituto de França, Cavaleiro da Legião de Honra, escritor, que se achava destituído de todos os cargos e empregos por ser bonapartista e por ter ofendido o Duque de Welligton e a Inglaterra.

O Marquês de Marialva foi sucedido na incumbência por José Maria de Brito, que veio a firmar os entendimentos necessários para a constituição da Missão.

Entre os membros da Missão, podemos destacar:

Joachim Lebreton (chefe da Missão)
Jean Baptiste Debret (pintor histórico)
Nicolas Antoine Taunay (pintor de paisagens)
Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (arquiteto)
Auguste Marie Taunay (escultor)
Charles Simon Pradier (gravador)
Segismund Neukomm (compositor, organista e mestre de capela)
François Ovide (engenheiro mecânico)
Mark Ferrez (escultor)
Zephirin (Zeferino) Ferrez (gravador e escultor)

Constituída a Missão, os mestres partiram do porto de Havre, na França, a bordo do veleiro norte-americano *Calpe*, em 22 de janeiro de 1816, em direção ao Rio de Janeiro, chegando ao destino em 26 de março daquele mesmo ano.

Em 12 de agosto de 1816, criava-se a “Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios”, sendo os artistas contratados por seis anos. Em 1817, teve início a construção do edíficio da futura Academia de Belas-Artes, projeto do arquiteto da Missão, Grandjean de Montigny.

A Missão Artística Francesa passou por muitas adversidades, como a morte do protetor da Missão, o Conde da Barca, em 21 de julho de 1817, retardando assim seus objetivos. Em 1819, morreu o chefe da Missão, Joachim Lebreton, sem ainda ter efetuado os projetos que o trouxeram ao Brasil, apesar dos grandes esforços dispendidos. Soma-se a esses fatos a instabilidade política do período, mormente a proclamação da Independência, em 1822.

A inauguração da Academia de Belas Artes deu-se apenas em 5 de novembro de 1826, data do aniversário da chegada de D. Leopoldina ao Brasil (5 de novembro de 1817). Curiosamente, essa foi a última aparição pública da Imperatriz que veio a falecer logo depois.

Como veremos, *Zeferino Ferrez* gravou, para essa data, uma medalha comemorativa.

Na Academia eram ministradas aulas de arquitetura, desenho e pintura, entre

outras, conforme os cânones neoclássicos.

Com o tempo, os mestres franceses foram sendo substituídos pelos seus discípulos, que transmitiram às gerações subsequentes os ensinamentos advindos da missão, dando impulso e desenvolvimento às artes plásticas do novo Império que nascia.

Fig. 2 – Reverso da medalha Comemorativa da Aclamação de D. João VI, conhecida por “Senatus Fluminensis”, desenho de Grandjean de Montigny, gravada por Zeferino Ferrez. Foram feitos exemplares de ouro, prata e bronze – 50 mm. (Acervo do Museu Histórico Nacional – Rio de Janeiro). (Estampa n° 19 do Catálogo da Viscondesa de Cavalcanti)

***Jean Baptiste Debret* (1768-1848)**

Jean Baptiste Debret nasceu em Paris, em 18 de abril de 1768. Seu pai, Jacques Debret, era escrivão do Parlamento de Paris. De família culta e esclarecida, amadora das ciências e das artes.

Em 1785, na França, ingressou na Academia de Belas Artes, obtendo, em 1791, um segundo prêmio de pintura com a tela “Régulo voltando a Cartago”.

Durante a Revolução Francesa, o governo, necessitando de engenheiros, escolheu alguns dos alunos mais destacados da Academia para ingressarem na Escola de Pontes e Calçadas para que se dedicassem ao estudo das fortificações. Debret foi um dos escolhidos.

Com a organização da Escola Politécnica para a formação de engenheiros militares, Debret passou a frequentar seus cursos. Distinguindo-se como aluno de desenho, acabou por lecionar a cadeira.

Voltando à pintura, expõe em salões, pinta grandes quadros históricos de assuntos romanos e cenas gloriosas da vida de Napoleão.

Com a queda de Napoleão, em 1814, e com a morte do filho único de apenas 19 anos, Debret caiu em grande melancolia. Foi então convidado a lecionar pintura, na Academia Imperial de Belas Artes de São Petersburgo, pelo Czar russo Alexandre I.

Entretanto, Debret recebeu convite similar da Missão, organizada por Lebreton a pedido de D. João. Debret preferiu os trópicos à fria São Peterburgo, chegando ao Brasil juntamente com a Missão, como vimos, em 26 de março de 1816. Durante sua permanência aqui, realizou diversos trabalhos, sendo condecorado por D. Pedro I, com o oficialato da Ordem de Cristo. Viveu no Brasil durante 15 anos, durante os reinados de D. João VI e D. Pedro I. Retornou à pátria em 25 de julho de 1831, a bordo do navio de guerra *Durance*.

Na França, reuniu o material que vinha coletando sobre o Brasil desde 1821 e publicou a célebre e brilhante *"Voyage pittoresque et historique au Brésil"* (Viagem pitoresca e histórica ao Brasil), em 3 volumes, entre 1834 e 1839, com 508 páginas de texto e 156 estampas litografadas no estabelecimento dos irmãos Thierry. A edição limitou-se a 200 exemplares.

Somente após um século do lançamento do último volume da edição *princeps*, é que essa obra foi traduzida para o português, isso em 1949, por Sergio Milliet.

Vejamos os apontamentos de Rubens Borba de Moraes, que dirigiu a edição brasileira dessa obra:

> *"Debret passou à posteridade menos pelos quadros que deixou e pela atividade de professor de pintura que exerceu, do que em virtude da publicação de sua "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil". A crítica brasileira não recebeu a obra com muito entusiasmo. Pelo contrário. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fez-lhe críticas severas. Os veneráveis historiadores acharam chocante que se pintassem costumes de escravos e cenas da vida popular com tanto realismo. Entretanto, passado um século, é justamente aquilo que se criticou que mais elogios merece e que torna o livro de Debret um documento de valor incomparável para o estudo da época em que viveu entre nós. Elogiado unanimamente, há muito que se tornou raro e sobretudo caríssimo. É talvez das obras sobre o Brasil, publicadas no século XIX, uma das que maior preço alcançaram. Não teve edições posteriores à primeira. Somente agora, um século depois do aparecimento do seu último volume, é que sai, em segunda edição integral e fiel, nesta Biblioteca Histórica Brasileira"*. (*in*, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. 2ª edição, Tradução e notas de Sergio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949, p. s/n°).

No que diz respeito à numismática, a obra de Debret nos brinda com duas pranchas, a de n° 31 (Moedas brasileiras de diversas épocas) do volume 2 e a de n° 17 (Primeiras

medalhas cunhadas no Brasil), do volume 3.

Fig. 3 – Anverso da medalha de Inauguração da Academia Imperial de Belas Artes, gravada por Zeferino Ferrez. Foram feitos exemplares de ouro e prata – 45 mm. (Acervo do Museu Imperial – Petrópolis - RJ). (Julius Meili, Estampa n°6 e n° 24 do Catálago da Viscondesa de Cavalcanti).

Zeferino Ferrez (1797-1851)

Zeferino Ferrez nasceu em Saint-Laurent (França), em 30 de julho de 1797. Foi aluno de escultura e gravura da *Ecole des Beaux Arts* (Escola de Belas Artes) de Paris, desde abril de 1810.

Chegou ao Brasil com o irmão Mark Ferrez, em 1817, agregando-se posteriormente à Missão Artística (1820).

Foi o primeiro **medalhista** do Brasil, além de escultor, gravador e professor.

Segundo Taunay, gravou as seguintes medalhas:

- *Primeira medalha de bronze cunhada no Rio de Janeiro* - *1820.*
- *Medalha da Aclamação de D. João VI* - *1818 (mandada gravar pelo Senado da Câmara, por isso conhecida com "Senatus Fluminenses")* - *1820.*
- *Medalha de prêmio da Escola do Ensino Mútuo* - *1825.*
- *Medalha da inauguração da Academia de Belas Artes* - *1826.*
- *Medalha do prêmio instituído por D. Pedro II para o alunos da Academia* - *1836.*
- *Medalha da fundação do Instituto Histórico e Gegráfico Brasileiro.*
- *Medalha comemorativa do Casamento de D. Pedro II com D. Tereza Cristina* - *1843.*
- *Medalha comemorativa de José Bonifácio de Andrada e Silva.*
- *Medalha da Junta de Comércio.*
- *Medalha da fundação da Sociedade de Medicina, atual Academia.*
- *Medalha de reorganização da Escola Médico-Cirúrgica.*
- *Medalha de bronze, ampliação da medalha "Senatus Fluminensis".*

Somam-se às medalhas e outros trabalhos realizados por Zeferino Ferrez, a abertura de uma fábrica de papel (a segunda do Brasil) e a abertura dos cunhos da ***"Peça da Coroação"***.

Faleceu, juntamente com a esposa, em 1851. Foram vítimas de envenenamento.

Fig. 4 – Reverso da medalha de Inauguração da Academia Imperial de Belas Artes, gravada por Zeferino Ferrez. 1826 – 45 mm. Reproduzida da obra de Julius Meili, Estampa n°6.

As Medalhas Brasileiras representadas por Debret

Os primeiros apontamentos da numária concernentes ao Brasil?

Indaga-se se os apontamentos de Debret sobre as medalhas e moedas se constituem na primeira abordagem atinente à numismática brasileira. Haverá algum outro tratado, anterior à obra de Debret (ou seja, anterior a 1839), que discorra de alguma forma (mesmo que sutil) sobre numismática brasileira?

Excluem-se dessa consideração a legislação, ou seja, textos de índole legal sobre o assunto, eis que mesmo sendo úteis ao estudo da numismática, não a integram na acepção do termo, ou seja, não são estudos sobre as moedas, apenas descrições de índole monetária.

Como se sabe, as primeiras moedas cunhadas no Brasil foram batidas pelos holandeses nos anos de 1645, 1646 e 1654, durante o Domínio Holandês. Foram cunhadas moedas de ouro no valor de III, VI e XII florins (ou ducados) com datas de 1645 e 1646 e moedas de prata no valor de XII, X, XX, XXXX soldos. Dessas últimas, apenas a moeda de XII soldos é considerada verdadeira, sendo as demais consideradas, pelo grande numismata Kurt Prober, "bonitas fantasias feitas posteriormente, no fim do século XIX".

Os portugueses vieram a cunhar as primeiras moedas no Brasil somente 50 anos

mais tarde, em 1695, após a criação da Casa da Moeda da Bahia, em 1694. As moedas cunhadas em 1695 foram: 2$000 e 4$000 réis de ouro e $20, $40, $80, $160, $320 e $640 réis de prata.

Acreditamos que o mais antigo tratado a mencionar moedas brasileiras foi o de *Gerard van Lonn*, *"Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas, depuis l´abdication de Charles Quint jusqu´à la paix de Bade en MDCCXVI."*, editado em Haia (Den Haag), entre 1732 e 1737.

Como foram moedas cunhadas pela Companhia da Índias Ocidentais (WIC ou GWC), foram incluídas naquele tratado.

Passamos a transcrever a legenda da página 283 da obra de *Van Loon*, onde ele apresenta as ilustrações dos florins da Companhia das Índias Ocidentais, vejamos:

> *«La prémiere est douze francs, la seconde de six, & la troisieme de trois. Sous les Chiffres Romains que expriment leur valeur, on voit cette Légende Hollandoise:*
> *Geoctroyeerde Westindische Compagnie*
> *L´Octroi dont il s´agit ici avait été accordé à cette Compagnie le 1 de Juin 1621 ; & à cause de pertes qu´elle avait souffertes, elle avait été assistée par les Etats de la somme de septens-mille francs. Au Revers de tous les trois on voit l´inscription que voici:*
> *BRASILiae ANNO 1646.»*

Em língua nacional, temos:

> *«A primeira é de doze francos, a segunda de seis, e a terceira de três. Sobre a cifra romana que exprime o valor, vê-se a seguinte legenda em holandês:*
> *Geoctroyeerde Westindische Compagnie*[3]
> *A concessão aqui tratada havia sido acordada a esta Companhia em 1 de junho de 1621; e por causa das perdas que havia sofrido, ela fora assistida pelos Estados de soma de setenta mil francos. No reverso de todas as três vê-se a seguinte inscrição:*
> *BRASILiae ANNO 1646.»*

A obra foi editada entre 1732-1737 (edição em francês), sendo que não encontramos referências se foi editada anteriormente em holandês.[4]

Fig. 5 – Anverso da moeda de XII soldos de prata de 1654, ilustração da obra de Gerard van Loon, "Histoire Métallique des XVII Provinces des Pays-Bas", 1732-37.

As primerias Medalhas cunhadas no Brasil?

Debret intitula a prancha n° 17, do Vol. III, de "As Primeiras Medalhas Cunhadas no Brasil"

Seriam essas a primeiras medalhas cunhadas no Brasil? A resposta, ao que tudo indica, é negativa. Como aconteceu com as moedas, bem como com os bilhetes, cabe a primazia aos holandeses.

As primeiras medalhas cunhadas no Brasil foram oferecidas a dois comandantes holandeses, são eles: a *Someren* do navio Elisabeth e a *Overcamp* do Vergulde Valk (falcão). O fato deu-se em virtude de, no dia 22 de junho de 1646, terem esses dois navios chegado da Holanda com provisões após um longo cerco à capital do Domínio Holandês no Brasil.

Os sitiados, a fim de perpeturar a memória do acontecimento, fizeram cunhar as medalhas em ouro para serem oferecidas aos Comandantes dos dois navios acima nominados.

Segundo *Joan Nieuhof,* apresentavam a seguinte legenda em holandês:

> "Door de Walk en Elizabeth
> Is het Reciff onzet"
> (pelo falcão e o Izabel foi o Recife salvo)

O historiador José Gonçalves de Mello, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (1976), escreveu:

> "Cunhadas no Recife, essas duas medalhas de ouro, foram, como os Ducados de 1645, as primeiras de sua espécie batidas no Brasil. Segundo Nieuhof, ostentavam elas um dístico

rimado em holandês:
“Door de Valk en Elisabeth
Was het Recife ontzet”

Netscher informa, em *Les Holllandais au Brésil* (Os Holandeses no Brasil), p. 206, que a legenda era:

“Door de Valk en Elisabet
is het Recif ontzet”

Outra legenda atribuída a essas medalhas[5] é a seguinte:

“Pernambuco ontzet
Door de Gulde Valk en Elizabeth”

O paradeiro dessas medalhas é desconhecido, bem como suas características.

As legendas das medalhas e das moedas cunhadas pela Holanda, geralmente, eram em latim, como todas as moedas cunhadas no Brasil de 1694 a 1889. Como vimos acima, a legenda dessa primeira medalha era em holandês, fato incomum para a época.

A Prancha n° 17 de Debret

Debret apresenta no terceiro volume de sua obra, na prancha n° 17, as “Primeiras Medalhas Cunhadas no Brasil” (ilustrações) e, como vimos, na verdade, tratam-se das primeiras medalhas cunhadas no Rio de Janeiro. Vejamos:

Primeira Medalha cunhada no Rio de Janeiro

Fig. 6 - Primeira medalha cunhada no Rio de Janeiro – 1820
Gravador: Zeferino Ferrez

Metal: Bronze – 50 mm
Ano: 1820
Anverso: Na orla, a legenda: JOANNES. VI D. G. U. R. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo : busto de D. João VI, à esquerda, com manto, descoberto e com uma trança do cabelo atada junto da nuca com um laço. Ao peito, a insígnia da Ordem do Tosão de Ouro, pendente do respectivo colar. Sob o corte, o nome do gravador: Z. (Zeferino) FERREZ e o milésimo: 1820.
Reverso: Dentro de uma coroa feita com dois ramos de louro, atados com um laço, a inscrição em seis linhas horizontais (em francês): 1RE MÉDAILLE/FRAPPÉE À RIO-JANEIRO/PRESENTÉE A. S. M. T. F /D JOÃO VI/PAR ZEPHIRIN FERREZ/ AN 1820. Entre as extremidades dos ramos, uma coroa real.
(Estampa n° 18 do Catálogo da Viscondessa de Cavalcanti)
Ob. Ao que menciona Jean Baptiste Debret (*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, Tomo II, 1949, p. 156), D. João VI somente usou o uniforme real de gala no dia de sua aclamação, ainda assim sem a coroa, em virtude do costume estabelecido desde a morte de D. Sebastião, na África, em 1580. D. Sebastião, dizem, foi levado ao céu com a coroa à cabeça e deve trazê-la novamente a Lisboa. Por isso, foi ela colocada ao lado de D. João VI, sobre o trôno.

Medalha Comemorativa da Aclamação de D. João VI

Fig. 7 - Medalha Comemorativa da Aclamação de D. João VI , 1818 (gravada em 1820)
Gravador: Zeferino Ferrez
Reverso: desenho de Grandjean de Montigny

Metal: Ouro, prata e bronze – 50 mm
Ano: 1820 (1818)
Anverso: Igual ao da “Primeira medalha cunhada no Rio de Janeiro”.
Reverso: Fachada de um templo grego, constituído de um frontão triangular onde figuram as armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, entre ramos de louro. O frontão assenta-se sobre quatro colunas dóricas. Ao lado da escadaria, à esquerda e à direita,

sobre pedestais, duas estátuas aladas, representando, respectivamente, a História e a Poesia. No centro, Minerva, de pé, segurando uma cornucópia com o braço esquerdo, no ato de laurear o busto de D. João VI, colocado num pedestal (no desenho de Debret, essa imagem aparece invertida).
No exergo, na horizontal, a inscrição latina: JOANNI. SEXTO. SENATUS./ FLUMINENSIS. SEXTO./ FEBR. ANNI. DOM./ 1818.
(Estampa n° 19 do Catálogo da Viscondessa de Cavalcanti)
Ob. O desenho do reverso é do arquiteto Grandjean de Montigny que se inspirou em umas das construções ornamentais (o templo de Minerva), erguidas no Rio de Janeiro pelo Senado da Câmara, para os festejos da Aclamação de D. João VI, nos dias 6,7 e 8 de fevereiro de 1818. Essa medalha serviu de modelo para a fundição de duas outras medalhas, nos anos de 1820 e 1821, no Arsenal Real do Exército, "para se conhecer a qualidade do bronze" e tendo, no anverso, o busto de "ElRei" e as mesmas legendas. No reverso há as seguintes inscrições: 1ª FUNDIÇÃO/D´ARTILHARIA EM/6 DE DEZEMBRO/DE 1820.
Luis Maria do Couto d´Albuquerque, em Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa (1865), páginas 80/81, nos informa que existem exemplares dessas medalhas na Academia Real de Ciências de Lisboa, sendo que a Medalha da Aclamação de D. João VI é de prata, cujo peso é "13 oitavas e ½ e 12 grãos".

Medalha da Fundação do Império do Brasil - 1822

Fig. 8 - Medalha da Fundação do Império do Brasil - 1822
(Coroação de D. Pedro I)
Gravador: Zeferino Ferrez

(Coroação de D. Pedro I)
Gravador: Zeferino Ferrez
Anverso: Na orla, a legenda: PEDRO I IMPERADOR DO BRASIL. No campo: busto do Imperador, à esquerda, com manto. Sob o corte, o nome do gravador: Z. FERREZ.
Reverso: A inscrição em oito linhas horizontais: PETRO I° / DEF. PER. EM 13 DE 8 / ACCLAMADO EM 22 MAI / E / COROADO IMPERADOR / DO BRAZIL / NO I°

DE DEZEMBRO / 1822. Entre as extremidades dos ramos, uma coroa imperial.
Ob. Não se conhecem exemplares.

Medalha da Inauguração da Academia Imperial de Belas Artes

Fig. 9 - Medalha da Inauguração da Academia Imperial de Belas Artes – 1826

Metal: Ouro e prata – 45 mm
Ano: 1826
Anverso: Na orla, a legenda: PEDRO I IMPERADOR DO BRASIL. No campo: busto do Imperador, à esquerda, com manto. Sob o corte, o nome do gravador: Z. FERREZ.
Reverso: A inscrição em sete linhas horizontais: PETRO PRIMO / BRAS. IMPERATORI / PERP. DEFENSORI / INAUGURATA / ACADEMIA B. ARTIUM / D. / MDCCCXXVI circulada de dois ramos de louro, atados com um laço.
(Estampa n° 6 do Catálogo de Julius Meili e n° 24 da Viscondessa de Cavalcanti)
Ob. São raros os exemplares nos dois metais.

Medalha da Reorganização da Academia de Medicina e Cirurgia Fluminense – 1826

Efígie Imperial ?

Fig. 10 - Medalha da Reorganização da Academia de Medicina e Cirurgia Fluminense - 1826
Gravador: Zeferino Ferrez

Anverso: Efígie imperial?
Reverso: Na orla, a legenda: .ACADEM.MEDICO.CHIRURGICAL.I.FLUM., no exergo, na horizontal, a data: .MDCCCXXVI.
Gravador: Zeferino Ferrez
Ob. Não se conhecem exemplares.

Medalha da Instalação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro – 1815 (1830)

?

Fig. 11 - Medalha da Instalação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro – 1815 (1830)

Anverso: ?
Reverso: Alegoria, no exergo, na horizontal, a legenda: SOCIEDADE DE MEDICINA / DO / RIO DE JANEIRO / 1815
Gravador: Como vimos, Taunay informa que Zeferino Ferrez gravou a “Medalha da fundação da Sociedade de Medicina, atual Academia”, a que tudo indica trata-se desta medalha.
Ob. Não se conhecem exemplares.

Jean Baptiste Debret representou seis medalhas em sua obra, sendo que de três delas não se conhecem exemplares, sendo talvez este o seu único testemunho. Melhor sorte não tiveram as “primeiras medalhas gravadas no Brasil”, quais sejam, aquelas presenteadas aos dois comandantes holandeses, que tiveram apenas a legenda, na lembrança.

Finalmente, esclarecemos que a presente matéria trata de assunto com escassa e rara bibliografia, não sendo possível pesquisa mais aprofundada nos Museus onde essas peças se encontram (Museu Histórico Nacional, Museu Imperial de Petrópolis, Museu Paulista e outros). Desta forma, pode haver imperfeições no texto. Outro fato dígno de nota é que as peças aqui referidas são todas muito raras e de valor histórico importante, encontrando-se dificilmente em coleções privadas.

Ob. Para que possamos melhorar e corrigir eventuais falhas, críticas e sugestões podem ser encaminhadas ao email: marciosandoval@hotmail.com

Bibliografia:

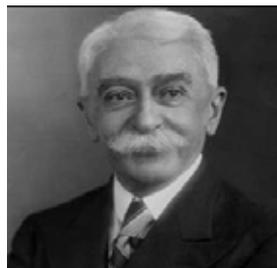
BARROS, Alfredo Solano de. Estudo crítico e doutrinário sobre « Medalhas Militares Brasileiras ». Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, 1941, p.85-127.
BITTENCOURT, Gean Maria. A Missão Artística Francesa de 1816. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 2ª edição, 1967, 150p.
Catálogo de Medalhas Comemorativas – Brasil/Da Colônia à Regência. Petrópolis: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Museu Imperial (Série: Cadernos Museológicos – 1), 1973, 63p.
CAVALCANTI, Viscondessa de. Catálogo das Medalhas Brasileiras e das estrangeiras referentes ao Brasil. Paris: 2ª edição, 1910.
COUTO D´ALBUQUERQUE, Luiz Maria do. Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia, nova serie, Tomo III, Parte II, MDCCCLXV. (1865).
DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., Biblioteca Histórica Brasileira n° IV, tradução e notas de Sergio Milliet, 2ª edição, Tomo II, Volume III, 1949, p.187-188 (Prancha 17).
FERREIRA, Lupércio Gonçalves. As primeiras moedas do Brasil. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1987, 205p.
GONÇALVES, Cleber Baptista. Casa da Moeda do Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2 edição, 1989, 937p.
MEILI, Julius. Numismatische Sammlung von Julius Meili. Die auf das Kaiserreich Brasilien Bezüglichen Medaillen (1822 bis 1889). 1890.
(Coleção Numismática de Julius Meili. As Medalhas referentes ao Império do Brasil (1822 até 1889), 1890.
NETSCHER, P.M. Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII siècle. Le Haye (Den Haag): Belinfante Frères, 1853.
NIEUHOF, Joan. Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil. 1682 (1942).
VAN LOON, Gerard. Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas, depuis l´abdication de Charles Quint jusqu´à la paix de Bade en MDCCXVI. La Haya (Den Haag): 1732-1737, 5V.

NOTAS:

1 Esta matéria foi elaborada em homenagem aos 200 anos da transferência da Família Real para o Brasil (única monarquia européia a reinar a partir da América) e aos 70 anos da AFSC – Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, uma das

mais antigas do Brasil.
2 Então Príncipe Regente.
3 Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais – sigla GWC ou WIC – *West India Compagnia.*
4 Encontramos referências a uma edição em holandês entre 1821 e 1862.
5 Existem outras variações.

Você Sabia?

Foi pensando em melhorar o sistema educacional existente no seu tempo e acreditando que o poder da educação era maior do que o das armas, que o Barão de Coubertin teve a idéia de resgatar os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Pierre de Frédy (1863-1937) foi o mentor da criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894. Como resultado de seus esforços, os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna aconteceram em Atenas, no ano de 1896.
A partir de então, os Jogos Olímpicos se impuseram, cada vez mais, como um evento mundial de prestígio, não só por congregar expoentes do esporte mas também por ser um símbolo da paz entre os povos.
A Filatelia esteve sempre presente nos Jogos Olímpicos, pois são muitas as séries comemorativas lançadas mundo afora. No Brasil, para registrar os jogos de 2008, em Pequim, a ECT lançou no dia 4 de julho, no Palácio do Planalto, uma série de quatro selos, no formato 33mm x 33mm, todos no valor de R$0,65.

São bonitos selos, representando as modalidades esportivas de ginástica rítmica, hipismo e natação, e apresentando os cinco mascostes chamados Beibei, Jingjing, Huanhuan, Yingying e Nini, cujos nomes são formados com as sílabas da frase “Beijing huanyin ni”, que significa “Pequim lhes dá as boas vindas”.

A Saga dos Imigrantes Japoneses

José Carlos Daltozo - Martinópolis, SP

Quando o navio Kasato Maru deu o último apito no porto de Kobe, no Japão, iniciando a travessia e transportando os primeiros 781 imigrantes com destino ao Brasil, pertencentes a 170 famílias, um único pensamento, certamente, tomou conta da maioria dos passageiros. Seria uma aventura bem sucedida? Ou uma loucura? Estavam indo para um país totalmente desconhecido, "do outro lado do mundo", na tentativa de enriquecer no menor prazo possível e voltar ao Japão, uma vez que não pretendiam morar em definitivo no Brasil. A imigração, segundo eles, seria temporária. Ganhariam um bom dinheiro trabalhando nos cafezais e voltariam para a pátria natal, desfrutando de melhores condições de vida. Afinal, não se dizia que no Brasil o dinheiro dava em árvores?

Cartão-postal - o Kasato Maru atracado em Santos, onde chegou no dia 18 de junho de 1908.

A propaganda dos fazendeiros de café do interior paulista, para atrair os imigrantes, mencionava efetivamente que eles iriam colher o ouro verde, teriam ótimos rendimentos e ganhariam muito dinheiro em poucos anos. Estipulava, também, que o subsídio, em forma de pagamento de parte do valor das passagens, seria dado preferencialmente para famílias. Com isso, muitos imigrantes solteiros trataram de se casar antes da viagem, só para ter o documento hábil e fazer jus ao pagamento convencionado. Muitos desses imigrantes fizeram casamentos arranjados, às pressas, para cumprir o contratado, que exigia famílias com, no mínimo, três membros. Assim, até mesmo os casais "arranjados" precisavam de um terceiro elemento, geralmente irmão, irmã ou parente de um deles.

O Japão, na época, atravessava grave crise econômica causada por vários fatores, entre eles a guerra com a Rússia em 1905 e a superpopulação. Por isso a imigração teve incentivos de ambos os governos, tanto o japonês como o governo paulista, em diferentes ocasiões. Os fazendeiros paulistas foram os primeiros a subsidiar as viagens. Pretendiam, com essa medida, obter mão-de-obra barata para as lavouras cafeeiras, uma vez que a

imigração européia, sobretudo a italiana, estava em declinio.

Em um levantamento efetuado em 1914, foi verificado que haviam chegado 14.886 japoneses nos seis primeiros anos de imigração. O ano de 1914 é marcante, pois até então os imigrantes contavam com subvenção do governo paulista para o transporte, que foi cancelada nesse ano. Mas, depois de muita negociação, a subvenção retornou em 1917. Em levantamento feito em 1920, consta que no período de 1917 a 1920 entraram no país mais 13.597 imigrantes japoneses.

Envelope de primeiro dia, circulado do Japão para o Brasil, em 2005. Carimbos especiais e bonitos selos são constantes na filatelia japonesa.

Atualmente, estima-se que 1.400.000 brasileiros sejam descendentes de japoneses, sendo oitenta por cento deles residentes no Estado de São Paulo. Só na capital paulista há cerca de 360 mil moradores de descendência nipônica. Há cidades do interior paulista e paranaense em que eles são numerosos, a exemplo de Bastos, Pereira Barreto, Mirandópolis, Presidente Prudente e Registro (no Estado de São Paulo) e Assaí, Maringá e Londrina (no Paraná).

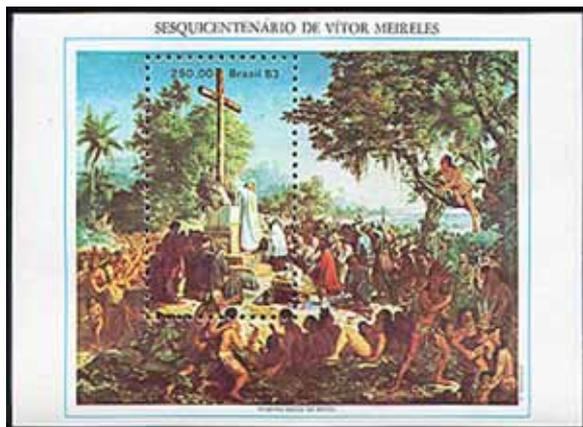
Bloco comemorativo ao centenário da imigração japonesa no Brasil, lançado pela ECT, em 18 de junho de 2008.

No final da década de 1980, começou um novo fenômeno: a reversão da imigração. Não mais os japoneses vindo para o Brasil em busca de novos horizontes e nova vida, mas os descendentes desses imigrantes indo trabalhar temporariamente no Japão, fenômeno que perdura até os dias atuais. São os chamados dekasseguis, em número estimado de mais de 300 mil, trabalhando atualmente em território nipônico.

Texto adaptado do livro **UM NOVO AMANHÃ**, sobre imigrantes japoneses, de autoria de José Carlos Daltozo.

Informações e pedidos: e-mail jcdaltozo@uol.com.br ou telefone (18) 3275.1168.

O QUADRO "A PRIMEIRA MISSA DO BRASIL", DE VICTOR MEIRELLES, EM SANTA CATARINA

Luis C. Fritzen - Florianópolis, SC

Bloco RHM B-63 - Sesquicentenário do nascimento do pintor Victor Meirelles de Lima e carimbo de Primeiro Dia de Circulação. Emissão: 18-3-1983.

A celebração da **primeira missa no Brasil** foi feita pelo frade Henrique de Coimbra, no dia 26 de abril de 1500, e descrita por Pêro Vaz de Caminha na carta que enviou ao rei de Portugal, D. Manuel I (1495-1521), dando conta do descobrimento do Brasil, então *Terra de Vera Cruz*, pela armada de Pedro Álvares Cabral que se dirigia à Índia. Esse momento encontra-se retratado em um quadro, *A Primeira Missa no Brasil*, uma das principais obras de Victor Meireles, pintado em 1861.

Victor Meirelles de Lima (nascido em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, 18 de Agosto de 1832 — e falecido no Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1903) foi um dos maiores pintores brasileiros. Filho do casal de imigrantes portugueses Antônio Meireles de Lima e Maria da Conceição. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1847, onde se formou na

Carimbo comemorativo, emitido em 1985, por ocasião da VII exposição Filatélica de Santa Catarina, com a ilustração da casa onde nasceu Victor Meirelles, hoje transformada em Museu.

Academia Imperial de Belas-Artes. Pintou várias obras históricas, entre 1852 e 1900. Em 1861, A *Primeira Missa no Brasil* foi aceita com referências pelo júri do Salão de Paris, fato inédito para um artista brasileiro até então. A riqueza de detalhes da pintura de grandes dimensões, representando múltiplas expressões e situações, eternizaram a versão histórica oficial da descoberta do Brasil como um ato heróico e pacífico, celebrado em ecumenismo por colonizadores e indígenas. Se, por um lado, a pintura lhe rendeu homenagens, também originou as primeiras críticas, justamente pelo que seria "um excesso de imaginação".

Reprodução parcial de uma fotografia antiga, mostrando a figueira no terreno da família Caldeira Bastos.

Os principais comentários negativos dizem respeito à figura de uma figueira (árvore do gênero *Fícus*, família *Moraceae*) retratada, onde, em um galho, se encontra um silvícola. Tal árvore efetivamente existiu, não no litoral baiano onde a cena teria acontecido historicamente, mas aqui mesmo no território catarinense, ou mais precisamente na cidade de São José, no terreno da família Caldeira Bastos, hoje pertencente a Ernestina Faizer Kurth.
O quadro, medindo 260 x 356 cm e, hoje, pertencente ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, foi amplamente reproduzido pelos selos postais brasileiros.

Na numismática, ainda no Império, serviu para ilustrar a cédula de 200$000, de 1889, impressa no ABN - American Bank Note Company, e a cédula de 50$000, de 1891, também impressa no ABN, que trazia no reverso o quadro de Victor Meirelles, e, no anverso, uma alegoria à caridade.
Na República, a reprodução de "A Primeira Missa do Brasil" foi usada no reverso da cédula de 1 Conto de réis, de 1927 (ABN). Também serviu para ilustrar o reverso da cédula de CR$1.000,00, impressa no ABN, de 1943 a 1963, que homenageava Pedro Álvares Cabral. A mesma estampa foi usada na cédula de CR$1.000,00 impressa pela Thomas de La Rue Company, entre 1949 e 1963. A cédula do Tesouro Nacional foi aproveitada pelo Banco Central, com carimbo do Cruzeiro Novo, em 1966 e 1967.
Em 1985, a AFSC homenageou Victor Meirelles com um carimbo comemorativo da VII

Exposição Filatélica de Santa Catarina, que ilustra este artigo. Na ocasião, os expositores e visitantes receberam o seguinte texto, produzido pelo associado Nilo Marques de Medeiros Filho:

Há mais de cento e cinqüenta anos, na esquina da rua da Conceição (atual Saldanha Marinho) com a rua da Pedreira (hoje Victor Meirelles), na antiga Desterro, mais precisamente a 18 de agosto de 1832, nascia Victor Meirelles de Lima. Naquele casarão, tombado pelo Patrimônio Histórico, os pais do menino Victor, Antônio Meirelles de Lima e D. Maria da Conceição dos Prazeres, viram brotar os primeiros sinais da genialidade que conduziria seu dileto filho ao mais elevado patamar de glória e da admiração de todo o nosso País. Aos quinze anos de idade, Victor foi conduzido, a fim de cumprir seu destino de artista genial, para longe de seu lar, longe do seu Estado e, mais tarde, para fora de seu País.

De sua vasta obra, orgulho da nossa gente, as melhores telas estão espalhadas pelos Museu Nacional de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Museu Imperial e Museu de Artes de São Paulo. Em Santa Catarina algumas cópias e retratos estão sob os cuidados do Hospital de Caridade e Igreja de São Francisco, na Capital. Uma "Nossa Senhora da Conceição" está na Igreja da Matriz dos Santos Anjos da Laguna e um retrato do Comendador Rocha, um protetor do artista, quadro esse pertencente à família Bittencourt, está em Imaruí, além de algumas telas do Museu de Arte de Santa Catarina. Pouco, muito pouco do que produziu o gênio de Victor, está exposto na sua Casa, situada em Florianópolis. Quadros menores (destaque-se "A Morta"), esboços e estudos, estão à disposição de todos os que desejam conhecer algo mais sobre a época, a obra e o homem que produziu "A Primeira Missa do Brasil".

Cédula de 1 Conto de réis, de 1927 (ABN)
Reprodução parcial do reverso (sépia e preto, em calcografia).

Cédula de Cr$1000,00, de 1949 a 1963 (Thomas de la Rue)
Reprodução do verso.

O quadro “A primeira Misa do Brasil” veio pela primeira vez à terra natal do pintor em 2008, ficando exposto no Museu de Arte de Santa Catarina, de 3 de abril a 11 de maio. Além da grande tela, foram expostos uma série de desenhos, e, entre eles, estudos preparatórios para a “Primeira Missa”.

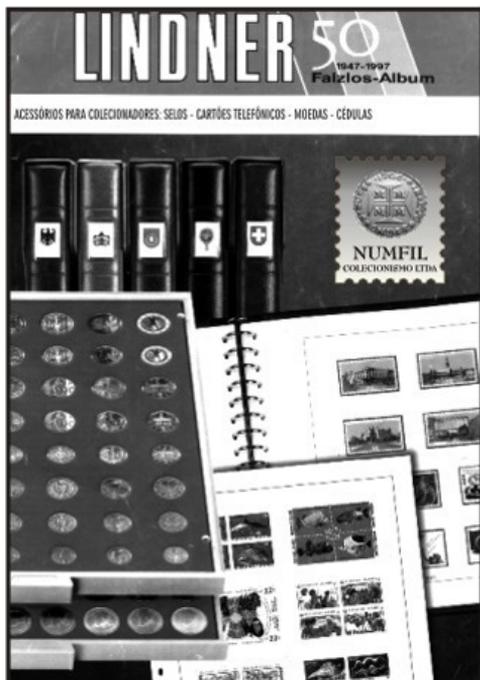
NOVA DIRETORIA DA FEFINUSC

A FEFINUSC - FEDERAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA, fundada em 7 de maio de 1972, elegeu sua nova Diretoria, para o bienio 2008/2010, em Assembléia Geral realizada no dia 2 de agosto, durante o 147º ENCONTRO DE FILATELISTAS E NUMISMATAS DE SANTA CATARINA.

Ficou assim constituída a nova Diretoria da FEFINUSC:

PRESIDENTE .... FÉLIX EUGENIO REICHERT - AFSC
VICE-PRESIDENTE .... RENATO MAURO SCHRAMM - CFMB
I – SECRETÁRIO .... CARLOS GUÉRIOS
II –SECRETÁRIO .... CALOS DALMIRO SOARES - AFSC
I – TESOUREIRO .... WALDEMAR GEBAUER - AFINUTI
II –TESOUREIRO .... ARNO EBERHARD MARTIN - CFB

Conselho Fiscal Efetivos: CURT DONNER - AFINUTI
RENATO HENSCHEL - CFB
LUCIA MILAZZO - AFSC

Conselho Fiscal Suplentes: CÉSAR LUIZ SALFER - AFJ
ADEMAR GOELDNER- AFSC
UDO TESKE - CFB

Para anunciar no boletim
Santa Catarina Filatélica:

Página inteira:	R$ 60,00
Meia página:	R$ 40,00
Terço de página:	R$ 30,00
Quarto de página:	R$ 20,00

Próxima edição:
março/2009

O Colecionismo depende de todos nós.

VARIEDADES NOS INTEIROS POSTAIS DO BRASIL

Sérgio Laux - Florianópolis, SC

Há aproximadamente 30 anos, no final da década dos 70, quando disse a alguns filatelistas mais antigos e experientes, que eu pretendia estudar a nossa primeira série da República, os "Cruzeiros de '890", recebi o conselho de não perder meu tempo com isso, pois esse assunto já havia sido estudado e estava portanto "esgotado". Nada de novo eu poderia encontrar!

Não obstante, reestudei a série e, como resultado, questões ainda duvidosas foram esclarecidas, novas variedades de chapa, como exemplo as reincisões, foram encontradas e descritas. Também foram descobertos retoques em uma das chapas de 50 réis.

O trabalho, antecipadamente julgado "perda de tempo", recebeu medalha de ouro no Concurso Francisco Sanchez de 1980 e foi, posteriormente, publicado em edição bilíngüe, na Alemanha!

Passados todos esses anos, parece-nos que na filatelia brasileira pouco mudou. Salvo honrosas exceções, notadamente no campo da História Postal, a falta de interesse pelo estudo do nosso patrimônio filatélico ainda é a nota predominante.

Essas considerações vêm a propósito de um trabalho preliminar que realizamos sobre alguns inteiros postais do Império do Brasil (assunto também supostamente já estudado e sem nada de novo a descobrir).

Tomemos, como exemplo, o bilhete postal de 40 réis tipo "Barba branca" (RHM 14 e 15) e o que dizem os catálogos a seu respeito.

1889 - Bilhete postal RHM BP-14, circulado de Santos para São Paulo.

- Catálogo de Inteiros do Brasil "Ariró", publicado no Rio de Janeiro, em 1957.

Menciona a existência de 2 tipos (traços debaixo de "Bilhete Postal"). Quanto a variedades, diz existir a falta da letra "N" em "Note" na legenda da firma impressora.

- Catálogo de Inteiros postais "Higgins and Gage", publicado nos Estados Unidos, em 1977.

Assinala os mesmos 2 tipos já conhecidos e quanto a variedades, menciona apenas que a legenda da firma impressora existe com e sem ponto após "New York".

- Catálogo enciclopédico de selos e História Postal do Brasil, "RHM", 1999.

Menciona os mesmos 2 tipos e inclui apenas a variedade da falta do “N” em “Note”, como descrito no catálogo Ariró de 1957.
Como se verifica, passados tantos anos, pouco ou nada de novo. No entanto, esse inteiro de 40 réis, que foi impresso por litografia, é muito rico em variedades como se pode verificar no exemplo a seguir.

Detalhe, com ampliação, mostrando características de uma variedade do bilhete postal estudado.

Verifica-se neste exemplo específico que:
- Existe uma “cruzeta” no canto inferior direito. Essas cruzetas existem em diferentes formatos, tamanhos e posições;
- O desenho do canto superior esquerdo é incompleto. Essa falha existe também nos outros cantos, os quais, por vezes, não são apenas incompletos, mas sim cortados;
- Além das duas características anteriores, que poderiam ser consideradas como variedades menores, o mesmo bilhete apresenta uma variação importante:
No lado direito do desenho, parte das linhas externas estão não apenas interrompidas, mas sim deslocadas para a direita. Essa variedade, na nossa opinião, é mais importante e digna de ser catalogada do que a simples ausência de em ponto após “New York” ou mesmo a ausência de uma letra na legenda da firma impressora.
Teria sido essa variedade já assinalada por outros colecionadores?
Em toda a literatura consultada, não encontramos nenhuma referência a respeito. Supostamente, é uma variedade inédita. Devemos esclarecer que essa não é uma variedade acidental, uma simples falha de impressão, mas sim uma característica de determinada posição na pedra litográfica, pois temos em nosso poder várias peças rigorosamente com estas mesmas características.

Com esse exemplo voltamos ao exposto inicialmente, ou seja, na filatelia brasileria, mesmo nos assuntos “já estudados”, ainda existe muito a ser esclarecido.
O que dizer então de áreas de nossa filatelia (postal e fiscal) que nunca foram objeto de atenção?

Somos adeptos da máxima de que “a Filatelia começa onde o catálogo termina”. Assim sendo, caso este artigo motive algum colecionador a pesquisar os nossos selos e inteiros postais, já nos sentiremos devidamente recompensados.

CARIMBOS DE CENSURA EM SANTA CATARINA

Roberto João Eissler - Jaraguá do Sul, SC

Chama a atenção dos estudiosos a quase ausência de registros de uso oficial de censura postal no Brasil, durante o período imperial e início da República, embora se tenha notícias de que ela era exercida.
Oficialmente, durante a Primeira Guerra Mundial, a censura postal foi instituída no Brasil em 1917. Findo o conflito, ela deveria ter sido extinta, mas não foi. Em todo o século XX, são poucos os documentos regulamentadores do ato de censurar, principalmente no aspecto relativo à fiscalização das correspondências.
Podemos afirmar, entretanto, que a Censura Postal no Brasil foi realizada, não só pela administração postal, mas, sobretudo pelas forças armadas e forças policiais brasileiras.

O catálogo “Zensurpost in Brasilien” de Jürgen Meiffert trata do período de 1917 a 1964 e é a bíblia do colecionador de censura postal brasileira. Não há melhor nem mais completo.
Esse catálogo relaciona apenas cinco marcas postais de censura em solo catarinense. São três utilizadas na década de 1930, entre 1937 e 1939 e duas na década de 1940, entre 1942 e 43. As primeiras certamente como uma decorrência da chamada “Intentona Comunista”, que teve grande repercussão nacional a partir de 1935. As demais já no período da Segunda Guerra Mundial.
Os carimbos de censura recebem os seguintes números (e graus de raridade, sendo “raridade 1” a mais comum e “raridade 10” a mais rara):
1.2.22 (raridade 4), 1.2.29 (raridade 5) e 1.6.17 (raridade 9).

Carimbo de Censura 1.2.29

ABERTA PELA CENSURA
FLORIANÓPOLIS — S. C.
Maße: 74x3 mm / 58x2 mm
Farbe und Verwendungszeit: blauviolett / 5.4.1943
Zensurstelle: Florianópolis / SC

Carimbo de Censura 1.6.17

Carimbo de Censura 1.2.22 aplicado sobre envelope.

Os carimbos de inspetores são os de número 2.1.11 (raridade 2) e 2.1.14 (raridade 3).

Carimbo de Inspetor 2.1.11

Carimbo de Inspetor 2.1.14 aplicado sobre envelope.

A regulamentação para aplicação desses carimbos ainda não foi encontrada.
Além dos carimbos há também as etiquetas, mas essa é uma outra história.

OS FLAMINGOS VISTOS ATRAVÉS DA FILATELIA

Americo Rebelo - Porto, PORTUGAL

Classe: Aves
Ordem: Ciconiiformes
Família: Phoenicopterus
Nome cientifico: Phoenicopterus Ruber

Os Flamingos são aves pernaltas e corpulentas com o bico poderoso e encurvado, e com uma plumagem muito colorida em tons de rosa pálido e rosa mais intenso. As penas, que cobrem as asas, são cor-de-rosa muito vivo. Essas espécies encontram-se distribuídas por todos os países do sul da Europa, partes de África e Ásia. Em Portugal, encontram-se, principalmente, na faixa costeira sul, com destaque nos estuários do rio Tejo e do rio Sado, Ria de Faro, Óbidos, Santo André e em algumas albufeiras – lagunas, no interior do Alentejo,.
Os flamingos são aves gregárias que vivem em colónias – colônias, muito numerosas e são consideradas como uma das aves mais altas da nossa fauna, podendo atingir cerca de 1,70 m de altura e pesar entre 12 a 15 kg. Normalmente, os machos são ligeiramente maiores que as fêmeas. Essas espécies sáo monogâmicas, isto é, têm o mesmo parceiro para toda a vida.
O habitat dessas aves são especificamente estuários, salinas, tanques de piscicultura, lagoas de água doce ou salgada, e a sua alimentação é a base de algas, pequenos peixes, crustáceos, moluscos e plantas. Para se alimentarem, essas aves imergem parte do bico dentro da água, utilizando o método da filtração.
A cor rosa da plumagem dos flamingos tem origem no tipo de alimentação que costumam ter e em sua digestão. Os flamingos conseguem extrair e reter a substância colorante dos crustáceos, donde o exuberante colorido da plumagem. Caso não se alimentassem de crustáceos, os flamingos seriam completamente brancos.
O início da época de nidificação é muito variável dependendo das zonas geográficas onde se encontram. Os ninhos são construídos pelo casal, tendo como base a lama, em grandes colónias e junto à agua. As fêmeas fazem, normalmente, uma ou duas posturas por ano, com um ou dois ovos, por postura. A incubação é de vinte oito a trinta e um dias, o choco é feito sempre pelo casal.
Os filhotes abandonam o ninho após o décimo dia, para se concentrarem em colónias formadas somente por aves bastante jovens. Uma das características dessas espécies é

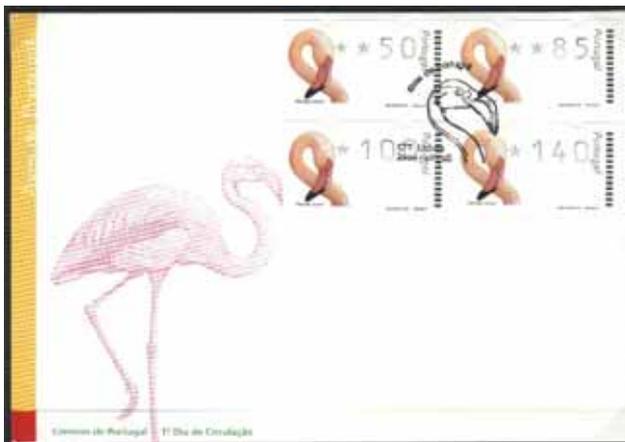
que os casais conseguem distinguir as suas crias na hora da alimentação. Nunca há troca de crias.
Em Portugal, os flamingos estão classificados como uma população "***Vulnerável",***
havendo vários factores de ameaça, por exemplo:
A destruição das salinas, dado que os flamingos perdem a sua principal fonte de alimentação;
A expansão turística, também factor negativo para as espécies, dado que são pouco tolerantes à presença humana;
A utilização excessiva de herbicidas nos locais de alimentação;.
O abate ilegal das aves.
Apesar dos factores de ameaça, houve um aumento muito significativo da população de flamingos em alguns países da Europa. Esse aumento deve-se exclusivamente às principais colónias estarem em zonas protegidas pela Lei. Em algumas zonas da Europa, não protegidas, essas espécies estão classificadas como uma "SPEC 3". ***Isso significa que a população global dessas espécies não está concentrada na Europa, e como tal tem um estatuto de conservação desfavorável nesse continente.***
Dentro da família dos flamingos existem 6 espécies, conforme abaixo discriminadas:
Flamingo – Comum *(Phoenicopterus Roseus)*
Flamingo – Pequeno *(Phoenicopterus Minor)*
Flamingo – Chileno *(Phoenicopterus Chinesas)*
Flamingo – James *(Phoenicopterus Jamesi)*
Flamingo – Andino *(Phoenicopterus Andinus)*
Flamingo – Americano *(Phoenicopterus Ruber)*
Para finalizar, uma curiosidade: O flamingo é considerado, oficialmente, como o "***pássaro símbolo de Trinidad e Tobago***", estado independente, membro da commonwealth, situado ao largo da costa da Venezuela, sendo constituído pelas ilhas de Trindad e de Tobago.
Filatelicamente, os flamingos são apresentados em selos de diversos países, como exemplo, Portugal.

2000 - AVES DE PORTUGAL - EMISSÃO BASE (1º GRUPO)
Desenho: José Projecto
Impressão: Offset - INCM
Folhas: 10 x 10
Circulação: 2/03/2000
Papel: Esmalte
Denteado: 12 x 12 ½
Taxas: Taxas duplas em Escudos e Euros

Essa emissão (página anterior) é constituída por várias taxas de diversas aves, tendo o Flamingo as taxas de 90$00 e € 0.45.

AVES DE PORTUGAL - ETIQUETAS DE MÁQUINA - FLAMINGO

Impressão:
Offset - INCM - Klussendorf
Folhas: 10 x 10
Circulação: 5/9/2000
Papel: Liso
Taxas: 50, 85, 100 e 140 Euros.

FDC - Carimbo comemorativo da emissão - CTT Lisboa. 5/9/2008 - sobre as 4 taxas.

1982 - PHILEXFRANCE 82 - AVES DA RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO - FLAMINGO

Desenho: José Projecto
Impressão: Offset - INCM
Folhas: 5 x 10
Circulação: 11/6/1992 a 31/8/1989
Papel: Esmalte
Denteado: 12 x 11 ½

Máximo postal duplo, com carimbo comemorativo da emissão. 11/6/1992 - Lisboa

ETIQUETAS DO CONGRESSO EUCARÍSTICO

Luiz Reginaldo Fleury Curado - Goiânia, GO

Em 1946, duas etiquetas foram impressas pela Litografia do Globo, de Porto Alegre, comemorativas ao “Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina”, nas cores azul marinho e vermelho, mostrando o emblema do Congresso e o “Monumento Comemorativo do 33º Aniversário da Indústria Carbonífera no Sul do Estado”. Não tinham valor nominal.
Mas também foram utilizadas na selagem do Imposto de Licenças da Prefeitura de Criciúma, no exercício de 1946.
Podem ser consideradas para as coleções de temática religiosa.

148º ENCONTRO DE FILATELISTAS E NUMISMATAS DE SANTA CATARINA

O **Clube Filatélico de Blumenau** (CFB)
convida para o Encontro de Colecionadores que será realizado nos dias

27 e 28 de setembro de 2008

Horário: 9h às 17h
Local: Centro Cultural 25 de Julho
Rua Alberto Koffke 354 - Blumenau, SC

A **AFSC** convida para as suas reuniões regulares:

Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14 horas

Nossa Sede permanece aberta de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Próxima **Vendas sob Ofertas**
(Filatelia, Numismática e outros ítens colecionáveis)

04 de outubro de 2008

Aos sócios: Data limite para entrega de material: 6 de setembro

Para participar: Veja lista de ofertas, a partir de 27 de setembro, em:
www.afsc.org.br

Você Sabia?

No dia 4 de fevereiro de 1886, foi fundada no Rio de Janeiro, por Fried Pordo, a "Bayerrischer Philatelisten Verein" - Sociedade Filatélica Bávara (filial da entidade congênere européia), que é considerada a primeira entidade filatélica brasileira.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, segundo uma programação estabelecida em conjunto com as demais Associações do Estado de Santa Catarina, o seu tradicional Encontro de Colecionadores.

Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos sócios, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes na Grande Florianópolis com idade a partir de 18 anos .... R$60,00

Juvenis - residentes na Grande Florianópolis com idade inferior a 18 anos .... R$10,00

Correspondentes no Brasil - residentes fora da grande Florianópolis .... R$20,00

Correspondentes no Exterior - residentes em outros países .... US$ 35,00

Associe-se. Remeta à Associação a ficha da página 42, devidamente preenchida, acompanhada de cheque nominal à AFSC, ou de cópia do recibo de depósito na conta de Poupança 5.049.097-4, agência 055, banco 027 - Banco do Estado de Santa Catarina - BESC.

Ao pagar a anuidade, você terá direito também a um anúncio de texto, gratuito, no site:

www.afsc.org.br

ÍNDICE DE ANUNCIANTES (ordem alfabética)

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina

Fundada em 6 de Agosto de 1938

Fone/Fax (48) 3222-2748 – Caixa Postal 229

CEP 88010-970 – Florianópolis – SC

www.afsc.org.br

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____

Endereço: ______________________________ Cx. Postal: ________

CEP: __________ Cidade: ____________________ Estado: ________

Telefone: ____________ Profissão: ____________________________

Sexo: ___________ Data de nascimento: ________________________

E-mail: ____

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: ____________ Assinatura: ____________________________